

CANÇÕES DE EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ

Licio Bruno Ramos de Araujo¹

Cláudia de Araujo Marques²

¹ Mestrando UNIRIO - liciobruno@gmail.com

² Mestranda UNIRIO - e-mail: pianomarques@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta trechos da produção fonográfica "É vida, é voz!", CD com seleção de 13 canções de Edmundo Villani-Côrtes. As escolhas interpretativas foram embasadas em manifestações pessoais do compositor sobre sua vida e obra. O disco originou atividade de mestrado em práticas interpretativas (em andamento). A importância artística, musical e cultural da Canção Brasileira assume papel de relevância na formação de novos intérpretes. Estimular sua prática no âmbito acadêmico bem como ampliar seu consumo são nossos objetivos.

Palavras-chave: Canção de Câmara, Música Brasileira, Canto, Edmundo Villani-Côrtes.

1 Introdução/fundamentação teórica

A Canção de Câmara Brasileira é um dos gêneros mais adequados para o ensino básico do Canto Erudito em instituições que oferecem cursos desta especialidade. Ao cantar em sua língua materna, o jovem cantor tem a oportunidade de trabalhar um sem número de elementos oriundos de sua cultura, seu país, sua história, dados familiares que enriquecem e auxiliam seu desenvolvimento musical, vocal e interpretativo, amparados sob uma perspectiva adequada, qual seja, a de compreensão das linguagens objetiva e subjetiva, da expressividade, veículos das emoções e experiências colhidas e (ou) vividas pelo intérprete.

Nosso país, historicamente herdeiro de cultura musical europeia a partir da península ibérica, viu esta música conviver com a rítmica negra africana, bem como os cantos e danças de rituais dos nossos indígenas, nativos. Diversos gêneros originaram-se desta mescla, numa união complexa de elementos europeus, ibéricos, africanos e ameríndios que influenciariam a estética da nossa canção. Ritmos e gêneros folclóricos e populares se desenvolveram, oriundos de polcas, maxixes, tangos e valsas brasileiras criando o samba, de ritmo brasileiro, e a canção brasileira, com variedade e formas que desafiam qualquer pretensão de definição mais abrangente.

Uma arte nacional não se faz com escolha discricionária e diletante de elementos: uma arte nacional já está feita na inconsciência do povo. O artista tem só que dar pros elementos já existentes uma transposição erudita que faça da música popular, música artística, isto é: imediatamente desinteressada (ANDRADE, 2006:13).

2 Os aspectos interpretativos/estudo de caso:

Durante o processo de seleção e estudo das canções e seus versos, questionamentos e reflexões quanto à abordagem interpretativa a ser adotada surgiram. Um estudo de aprofundamento e pesquisa sobre a canção brasileira, sua gênese, seu processo de desenvolvimento e influências sofridas ao longo da história se mostrou imprescindível. Além disto, era evidente que, por se tratar de obras de compositor vivo, o contato pessoal com o mesmo se fazia mister: informações sobre suas composições, sua vida e as influências que nortearam sua trajetória profissional trariam à tona e dariam lastro às nossas escolhas.

A atitude do cantor no que concerne as palavras deve, por isso, variar largamente com épocas, estilos e as intenções do compositor. As teorias de interpretação – o quanto e de que tipo – devem ser conectadas com o tipo de texto empregado e a filosofia do

compositor, que comanda seus métodos. Portanto, a primeira tarefa do cantor é apontar exatamente quais foram as intenções do compositor ao musicar o texto. [...] o cantor não pode funcionar bem como intérprete sem comprometimento emocional. (EMMONS; SONNTAG, 2002:111)

Um intérprete, para conseguir um resultado satisfatório, precisa participar da estrutura humana da minha vida. A referência do compositor é vital, porém, muitas vezes, desprezam a informação do compositor vivo. É uma pena, além do mais, quem perde é a música. (VILLANI, 2009)

2.1 A gênese da canção brasileira

A canção clássica de tradição europeia, do Brasil Colônia ao Brasil República, era cultivada em salões e salas de concerto, frequentados essencialmente por portugueses e europeus. Isso restringiu à língua, alijando o português brasileiro, que ficou circunscrito às manifestações populares. O idioma português, até fins do séc. XIX era também considerado língua inculta e imprópria para o Canto Lírico, banido do gosto musical da sociedade economicamente dominante, identificada com manifestações culturais europeias. O ensino do Canto era, por isto, francês ou italiano. Algo semelhante acontecia no teatro de prosa, onde o português falado era o lusitano. Só mais tarde as operetas populares – muitas destas musicadas por Chiquinha Gonzaga - favoreceram a busca de uma estética vocal teatral. Ou seja, a música popular é que iria de forma mais vigorosa influenciar os padrões estéticos vocais do Canto nacional, ajudando a desenvolver uma sonoridade linguística identificada com a fala coloquial brasileira, hoje predominantemente aceita para a interpretação da Canção Brasileira.

2.2 O surgimento do "cantar brasileiro"

Foi Alberto Nepomuceno (1864-1920) um dos primeiros grandes defensores do canto em vernáculo, através de sua campanha pelo português na Canção de Câmara. A qualidade de sua produção musical favoreceu seu êxito, e também sua autoridade, pois ele assumiu em 1902 a direção do Instituto Nacional de Música, principal entidade à época.

Somente com o florescimento do Modernismo (1920) é que elementos de origem folclórica e popular, negra e indígena foram amplamente incorporados à música erudita no Brasil, capitaneados por Mario de Andrade. Poetas alinhados ao

ideário modernista trouxeram “ar fresco” às temáticas: Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida ofereceram material poético à compositores como C. Guarnieri, Francisco Mignone, Villa-Lobos, Lorenzo Fernandez e Jayme O Valle, gerando o surgimento de grande número de obras que hoje são clássicos da canção erudita brasileira.

Todo artista brasileiro que no momento atual fizer arte brasileira é um ser eficiente com valor humano. O que fizer arte internacional ou estrangeira, se não for gênio, é um inútil, um nulo. E é uma reverendíssima besta. (ANDRADE, 2006:16).

As ideias modernistas trazem novos ventos à produção musical e artística, já que ventos vanguardistas sopravam do velho continente. Joaquim Koellreutter (1915-2005) chega ao Brasil em 1937, gerando influência, que mais tarde promoveria o surgimento da música brasileira serial, atonal livre ou com técnicas vanguardistas. Surge uma nova geração de compositores, não mais sujeita aos elementos oriundos do folclore, nem às estéticas nacionalistas. Destacam-se Claudio Santoro (1919-1989), Gilberto Mendes (1922), Edino Krieger (1928), C. Guerra-Peixe (1914-1993). Compositores ligados à música popular como Tom Jobim, Edu Lobo, Caetano Veloso, Tom Zé e Arrigo Barnabé absorveram e desenvolveram muitos valores desta vanguarda musical.

O desenvolvimento tecnológico e os meios de comunicação de massa (o Rádio, gravadores, amplificadores) favorecem novas possibilidades estético-vocais: os cantores podiam cantar de forma mais coloquial, se afastando da impostação e volume antes tão necessários para a projeção vocal.

2.3 A canção erudita brasileira perde espaço (distanciamento da cultura do “cantar brasileiro”)

A massificação comercial e cultural da música popular, a falta de familiaridade do público brasileiro com a música erudita e a sala de concerto e a ausência de um projeto de educação musical no Brasil afastaram pouco a pouco o canto erudito do espaço musical. Presente até então em programas de rádio e TV, o cantor erudito torna-se estranho e praticamente restrito aos teatros de ópera e a projetos subvencionados de música de câmara. O cantor erudito em formação fica cada vez mais interessado no mercado de Ópera e Música Sinfônica, com títulos essencialmente estrangeiros. A discussão estética sobre o cantar em português se esvazia. Professores de Canto, orientados para o mercado operístico e sinfônico evitam, em sua maioria,

temas sobre abordagem vocal, pronúncia e interpretação do repertório vocal erudito brasileiro.

3 O projeto em si

A gravação fonográfica desta seleção de 13 canções para Canto e Piano de autoria do compositor Edmundo Villani-Côrtes constituiu-se como uma excelente oportunidade de estimular-nos e despertar-nos para a grande importância deste gênero e repertório. Pareceu-nos essencial, para bem divulgar a obra do compositor bem como do gênero proposto, a realização de um trabalho fonográfico com qualidade técnica e aprofundamento musical. Desejávamos oferecer ao público um trabalho balizado cientificamente, tanto nas escolhas interpretativas para a gravação, quanto nas performances em concertos e palestras para que, em seu primeiro contato com estas canções, os ouvintes e também estudantes de canto e piano pudessem se sentir estimulados a apreciá-las novamente, e até mesmo ampliar seu conhecimento deste repertório, conhecendo outras canções e músicas deste compositor e também ou de outros brasileiros.

3.1 Edmundo Villani-Côrtes

Pianista, regente, arranjador e compositor, Edmundo Villani-Côrtes, nasceu em Juiz de Fora, MG, em 1930. Aprendeu violão intuitivamente e aos 17 anos iniciou o piano, formando-se em 1954 pelo Conservatório Brasileiro de Música. Aperfeiçoou-se em piano e composição com Camargo Guarnieri e Koellreutter e foi, nos anos 80, professor do Instituto de Artes da UNESP, concluiu em 1988 o Mestrado em Composição na Escola de Música da UFRJ e entre 1992 e 1995 foi professor convidado de arranjo, improvisação e orquestração do Festival de Inverno de Campos do Jordão. Em 1998 defendeu Doutorado no Departamento de Música do Instituto de Artes da UNESP. Pianista na Orquestra Tamoio, RJ - maestro Cipó na década de 1960 mudou-se para São Paulo, onde reside até hoje. Trabalhou como arranjador e pianista nas Orquestras de Osmar Milani e Luiz Arruda Paes. Para as TVs Tupi e Globo, escreveu mais de 600 arranjos orquestrais e, de 1988 a 1991, foi pianista do grupo musical do "Jô Soares Onze e Meia", no SBT. Em 1990 e 1991 foi regente da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo. Suas composições - cerca de 300 obras - orquestrais, de câmara, de música instrumental e vocal (solo e coral), de música eletroacústica e até de ópera, estão em boa parte registradas em CDs no Brasil e no Exterior.

Artista com estilo musical próprio, misturando elementos da música clássica universal com os da música popular urbana, para ele, sua arte é "simples e despreocupada", sem um processo de composição definido: "Escrevo a partir da vontade interna de expressar alguma coisa, primeiro encontro essa mensagem interior e depois penso em como transformá-la em música". Seu trabalho como compositor recebeu inúmeros prêmios, entre eles quatro concedidos pela APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 2011 recebeu o Prêmio Carlos Gomes, por sua "excepcional carreira de compositor".

Sua obra mais atual apresenta em sua concepção total liberdade das influências pré-estabelecidas. Embora tenha sido aluno de Camargo Guarnieri e muitos relacionem sua música à corrente Nacionalista, Villani-Córtes discorda de tal posição e reafirma que sua composição é o resultado de uma necessidade de expressão. "Nunca estudei nada de folclore. Nunca pesquisei nada e não me considero um nacionalista. Se eventualmente os recursos que utilizo coincidem com esta escola é algo puramente casual." (VILLANI-CÓRTEZ, 2009).

Na verdade a linguagem musical de Villani-Córtes é resultante da sua eclética formação musical e abarca os mais diversos universos: de Chopin a Shostakovich, passando por Debussy e Ravel, Puccini, Gershwin e o Jazz, além da música popular brasileira, sobretudo urbana. Sua música só faz revelar esta vivência anterior de forma integral: a música brasileira sendo parte substancial deste processo manifesta-se de forma natural, espontânea e irreprimível. (RODRIGUES, 2006:40-41).

Se num determinado momento da música eu tenho que colocar um ritmo de xaxado, eu coloco. [...] eu quero fazer um efeito de cluster ou um acorde atonal, eu vou fazer. Eu uso tudo, porque acho que se você se prende a uma escola, você é a escola, não você. A escola sou eu. A escola é o que eu acho que devo fazer e a escola é o que eu sei, porque eu uso os recursos que eu tenho. (VILLANI-CÓRTEZ, 2009).

Mostrava as minhas peças para o pessoal da música popular, eles achavam que era muito erudito e não se interessavam muito. Na música erudita, de concerto, me falavam que minha música era interessante, mas tem aquela cara de popular. Então, nunca fui *persona grata* em nenhuma escola. (VILLANI-CÓRTEZ, 2009).

3.2 As motivações e as escolhas

As canções do CD foram escolhidas por Lício Bruno e Cláudia Marques a partir de um largo universo de obras, algo em torno de 40 canções para Canto e Piano, escritas com poemas e versos de diversos autores, mas também dele mesmo. Toda

sua produção caracteriza-se pela liberdade e originalidade no desenvolvimento das composições: A seleção foi devidamente transposta para os tons adequados ao duo, mantendo total fidelidade ao arranjo e à amplitude do registro vocal original. O disco, prêmio do edital Vila Velha Cultura e Arte, promovido pelo Município de Vila Velha, ES, tornou-se objeto de Mestrado em Práticas Interpretativas da Unirio. Alguns aspectos que definiram a escolha das canções pelos intérpretes foram: empatia e interesse artístico; musical e estético dos músicos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça e nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm; requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo de ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender à lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Melodias acessíveis e com linguagem culta, erudita, compõem a obra de Edmundo Villani-Côrtes. Além de oferecer aos ouvintes a beleza e arte de suas canções, boa parte desta obra passeia na fronteira dos gêneros popular e erudito, apresentando ritmos e encadeamentos melódicos e harmônicos que compõem a tradição musical de cunho e origem essencialmente populares. Fora dos círculos acadêmicos, sua obra é ainda pouco difundida, sendo inédita para o grande público. A identificação com suas canções, aliada a outros fatores, contribuíram para a escolha de gravar disco com estas obras: não há discografia contendo apenas obras do compositor - a discografia existente contém obras de diversos autores no mesmo disco; este deverá ser o primeiro CD de canções totalmente dedicadas ao compositor; a grande maioria das partituras das obras ainda se encontra em manuscrito; há pouca ou nenhuma divulgação do autor no Brasil e no exterior.

4 Resultados parciais e subprodutos do projeto

- Encontro e entrevista com o compositor;
- Seleção de repertório, análise interpretativa das canções, ensaios e estudos;
- Transposição de tonalidades para as especificações do duo;
- Editoração dos manuscritos em FINALE, bem como de suas transposições;

- Gravação e Masterização: reproduzindo características padrão de execução para música de câmara, os intérpretes gravaram em estúdio acústico, em tempo real (simultaneamente), sem distorções, filtros ou manipulações do material sonoro.

- Foram realizados 04 concertos integrais do CD, dois deles com a presença do compositor (*): Espaço Cultural IPJG, Campinas, SP. Dia 05/07/2014, 18h (*); XX Festival Internacional de Inverno de Dom. Martins, ES. 19/07/2014, 19h; SESC Vila Mariana, S. Paulo, SP - Série PRIMAVERA VILLANI. 06/09/2014, 18h30minh(*); Espaço Cultural MIDRASH, Leblon, Rio de Janeiro - RJ. 14/09/2014, 16h, curadoria de Laura Rónai.

5 Canções do cd

- 1 - Sina de Cantador * (E. Villani-Córtés / Julio Bellodi) - 3'58"
- 2 - Valsinha de Roda (E. Villani-Córtés) - 3'00"
- 3 - Confissão * (E. Villani-Córtés) - 2'30"
- 4 - Se procurar bem * (E. Villani-Córtés/C.Drummond Andrade) - 2'06"
- 5 - Prefiro (E. Villani-Córtés / Itagyba Kuhlmann) - 2'30"
- 6 - Papagaio Azul *(E. Villani-Córtés) - 3'48"
- 7 - Casulo (E. Villani-Córtés / Julio Bellodi) - 4'16"
- 8 - Canção de Carolina (E. Villani-Córtés / Julio Bellodi) - 3'19"
- 9 - Espelhos (E. Villani-Córtés / Mônica Córtés) - 2'07"
- 10 - Rua Aurora* (E. Villani-Córtés / Mário de Andrade) - 2'01"
- 11 - Alma Minha* (E. Villani-Córtés / Luís Vaz de Camões) - 3'32"
- 12 - Para Sempre (E. Villani-Córtés) - 2'27"
- 13 - Balada dos 15 minutos* (E. Villani-Córtés / Julio Bellodi) - 3'41"

* músicas selecionadas para a Semana Científica

Referências

- ANDRADE, Mário de. Ensaio sobre a música brasileira. Minas Gerais: Itatiaia, 2006.
- EMMONS, Shirlee; SONNTAG, Stanley. *The art of song recital*. Illinois: Waveland Press, Inc., 2002.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002.
- LIMA, Veronique de Oliveira. Villani-Côrtes. São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), Monografia.
- LUTERO, Rodrigues. Música de Câmara de Edmundo Villani-Côrtes. COELHO, Francisco Carlos. *Música contemporânea brasileira: Edmundo Villani Côrtes*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, v.3, 2006. P.39-49.
- PÁSCOA, Luciane. Entrevista com Edmundo Villani-Côrtes. *Revista Eletrônica Aboré - Publicação da Escola de Artes e Turismo - Edição 03/2007 - ISSN 1980-6930*. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/22300616/entrevista-edmundovillani-cortes>>. Acesso em 08/12/2008.
- VILLANI-CÔRTEZ, Edmundo. *O uso do sintetizador na composição musical de um concertante para clarineta, sintetizador, piano acústico e percussão*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988. Dissertação de Mestrado.
- VILLANI-CÔRTEZ, Edmundo: entrevistas realizadas em sua residência desde o ano de 2007 até 2011. Disponível em: <www.villani-cortes.tom.mus.br>. Acesso em 01/01/2008.